

MAKAS

NO

TÁXI

Uma narrativa inspirada em  
histórias verdadeiras



Juvenália Da Costa

**AVISO**  
**IMPORTANTE**

O texto articula considerações linguísticas não aceitas na literatura Portuguesa, apresenta também expressões comuns do povo Angolano. Devido há existência de palavras ofensivas, aconselhamos a leitura para indivíduos com a idade igual ou superior a 14 anos de idade.

# ***CONTO***

## **MÚSICA ALTA**

Dona Tina, cinquenta e poucos anos de idade, de corpo cheio e de uma bunda avantajada que herdou da família, caminhava com uma certa lentidão devido ao problema que tinha no pé esquerdo.

Caminhava em direção a paragem de táxi mais próxima. Mesmo com a saúde delicada, não suportava estar sem fazer nada em casa, gostava muito de visitar os filhos que já eram grandes. Ora visitava irmãs na Cuca, ora ia a igreja e quase sempre os filhos. Naquela manhã decidiu visitar a filha Manuela, que morava no bairro do Zamba 2.

Parou por algum tempo para comprar um bombó com jinguba perto da paragem, quando ouviu alguém chamar pelo seu nome virou-se para ver quem era.

- Mana Tina? Mana Tina?
- Fató. Dona Tina reconheceu imediatamente a vizinha.
- Tudo bem?
- Estamos bem graças à Deus e vocês lá em casa?

- Estamos bem, é só aquela vizinha Nela que não nos deixa dormir à noite, àquela Senhora, só Deus mesmo! Eh eh.

Dona Tina sempre que pudesse evitava contacto com a vizinha Fató, porque era muito fofqueira e tinha o hábito de espalhar conversas falsas por todo canto, e Dona Tina não paciência para aturar.

- Zamba 2, Zamba 2, Zamba 2, dois lugares! Chamava o cobrador.

Era um Toyota hiace quadrado, azul e branco. Dona Tina agradeceu à Deus naquele exacto momento por livrá-la daquela conversa.

- Está bem então Fató, tenho que ir. Vou subir já neste táxi.

- Não tem problema, mana. Deixa só pagar a minha banana que eu vou contigo. Também vou mesmo para lá.

- Mamães olhem a hora, vamos! Zamba 2 zamba 2! O cobrador continuou a chamar pelos passageiros.

- Moço, espera só um pouco, já vamos subir wueh!

O cobrador refilou pela demora das Senhoras, mas guardou os lugares e finalmente lotou o táxi. Mana Tina e a Senhora Fató ocuparam os primeiros lugares por de trás do motorista.

- Mana Tina, não estava a te contar já da vizinha Nela? Nós não dormimos por causa do barulho dos gatos, ouvimos passos no quintal a noite inteira, e nas chapas eh eh eh... Fizemos já uma boa oração e o demónio da vizinha Nela manifestou-se no corpo do meu filho Betinho. A Senhora Fató falava tão alto que todos puderam ouvir.

- Vizinha Fató, essa acusação é muito grave, se a vizinha Nela ouvir isso pode trazer grande maka no bairro.

A Senhora Fató não tinha papas na língua e falava bem alto para todos ouvirem.

- Não tenho medo dela, ela é que devia ter medo de mim, porque o Deus que eu oro não dorme!

- Mas e assim o que a mana Fató vai fazer? Vais falar com ela? Perguntou a Dona Tina um pouco desconfortável por aperceber-se que a conversa era ouvida por todos.

- Eu, hein. Ela é que vem me procurar. Porque o fogo que eu lhe mandei vai lhe coçar bem nas cuecas e vai me pedir desculpas.

- Erreh mana Fató, vocês têm que conversar. Não é assim que se resolve problemas.

O motorista já estava farto de ouvir a conversa das senhoras, elas estavam mesmo atrás dele, então decidiu abafar aquela conversa de uma vez por todas. Ligou o rádio e reproduziu umas batidas de Kuduro da actualidade com o som muito alto.

– Jovem baixa o som. Não vêes que estamos a conversar? A Senhora Fató bufou no ouvido do motorista.

– Grande cassete wey, aumenta o som. O cobrador com uma cara de gozo olhou para a Dona Fató de cima para baixo, numa olhada pouco educada e continuou: – Comecem a fazer a contribuição família!

A música estava tão alta que Dona Tina pediu educadamente ao motorista que baixasse a mesma, porque não estava a sentir-se bem.

– Mas oh motorista, você não está a ouvir para baixar o som? Disse um jovem que estava no assento do meio.

– É assim família: – Quem não está a gostar a gostar do som, pode descer agora do meu táxi! A música não está alta, se quiserem mais baixa procurem outro táxi.

– Oh! Abre então a porta. Outro passageiro desafiou-o.

– Ai, ai... Aaah. Dona Tina desmaiou no obro da vizinha Fató.

– Wey baixa só já o som. Essas mamóites são muito fingidas.

- Vocês não têm respeito mesmo. Ela sofre de tensão alta então, pode apanhar trombose por causa da vossa mutucuria, seus sacanas.

Falou a Dona Fató enquanto tentava acordar a Dona Tina.

- A mamoiite também não precisa ofender. Já baixamos a música! Wey pára, as mamoiites vão descer. Peguem só já outro táxi.

Falou o cobrador com pouca paciência.

- Cala mazé essa boca seu bicho de merda! Vamos descer agora mesmo. Dona Fató respondeu ao cobrador com olhos bem acesos e os lábios bem esticados demonstrando a sua fúria fazendo com que o mesmo recuasse e deixasse a passagem para as duas senhoras.

- Wey, evita confusão. Vamos só deixar essas mamoiites confucionistas aqui. Falou o motorista para o colega.

- Confusionistas? É a tua Mãe seu cão de merda! Dona Fató não tinha papa na língua mesmo.

Dona Tina conseguiu despertar, abriu os olhos devagarinho, naquele momento se podia ouvir mais barulho do que da música porque eram todos a falar ao mesmo tempo. Reclamações dos passageiros, teimosia do motorista, o cobrador rabugento. Era uma autêntica confusão.



O cobrador olhou para as senhoras e reparou que a Dona Tina já tinha cordado do desmaio.

– Não está aí, acordou? Essas mamaites trazem azar yah! Podem descer. Disse o cobrador com os lábios bem esticados.

As senhoras desceram e seguiram caminho a pé.

O cobrador entrou no carro e continuaram a viagem.

– Wey, só não dei umas boas galhetas naquelas senhoras porque devem ter a idade da minha Mãe.

Continua...

## Expressões de Angola

**LOTOU**- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. O termo de origem é lotação. Preencher o número máximo de pessoas que é permitido no código da estrada.

**WUEH**-- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Este calão é usado normalmente para expressar uma afirmação.

**KUDURO**-- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a um estilo de música ou dança dos angolanos.

**MUTUCURIA**-- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a algo desprezível. Desagrado.

**MAMOITE**-- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a palavra Mãe, expressado como calão.

**WEY**-- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a um amigo, um calão usado para pessoas de maior intimidade.

**ERREH**-- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a reclamação ou admiração por alguma razão entendida pelo indivíduo que a usa.

**MAZÉ**-- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a uma justificativa, afirmativa e expressiva do sujeito praticante da ação.

**BUNDA**-- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a nádegas, palavra informal normalmente usada por angolanos.

**HE HE HE** - A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a um termo informal que representa admiração.

## PAY IF YOU LIKE

A escrita é uma maneira de apreender a realidade interna do ser-no-mundo assim como o seu contexto histórico e social. Para isso, há que se ter uma apreensão estética e um sentimento de empatia com a humanidade. Quando escrevo, mergulho no mais profundo dos meus pensamentos e sentimentos. Vivo cada momento, cada detalhe, como se pudesse realmente entender cada personagem descrita.

Dessa arte, que tanto amo e entrego-me de corpo e alma, não ganho o meu alimento, mas me contento por saber que alguém a consome. Porque a minha arte, é tão importante quanto as outras, julgo ser tão importante quanto a música, a pintura, bandas desenhadas e outras.

Como apoio à toda arte disponibilizada gratuitamente, a **PAY IF YOU LIKE**, traduzida como **“PAGUE SE VOCÊ GOSTAR”** surge como um meio-termo entre artistas e consumidores. Você não precisa de viver insatisfeito por ter comprado um trabalho ou producto de baixa qualidade, igualmente não pode deixar de apoiar e incentivar os artistas do seu país que se dedicam nesta e outras artes, tanto de dentro como de fora.

Não há preço nem exigências, esses modelos podem eliminar o medo de um produto valer um determinado preço definido e o risco relacionado de decepção. Pague apenas o que estiver ao seu alcance porque nenhum dinheiro dado de boa intenção será pouco, e na ausência de apoio financeiro, você estará a ajudar o artista a ir mais longe, partilhando com pessoas que podem pagar pelo consumo, ou então apoiar com entrevistas na rádio, televisão ou outros meios de visibilidade para a voz do artista ecoar pelo país e pelo mundo.

Você só precisa parabenizar os artistas pela qualidade e incentivá-los a serem melhores nos próximos trabalhos. Apoie a arte nacional e pague pelo que gosta.

CHAMO-ME JUVENÁLIA  
DA COSTA, SOU  
FORMADA EM  
ENGENHARIA DE  
PETRÓLEO.

DEDICO-ME A  
ESCREVER LIVROS POR  
SER APAIXONADA PELA  
ARTE.

AGRADEÇO A VOCÊ POR  
TER LIDO MAIS UMA  
HISTÓRIA AQUI.

PAGUE SE GOSTAR  
E LIGUE SE PUDER  
AJUDAR!



Contacto: 924 432 671

Conta: 104573824 10 001

IBAN: A006.0040.0000.0457.3824.1019.6